

— O que queres tu agora? — perguntou Diana, sem sequer levantar os olhos.

Clara respondeu:

— Julgo que nos estamos a portar como duas palermas. Se alguém devia ficar aborrecida era eu!

— Como assim? — contrapôs Diana. — Como podes culpar-me depois de me teres insultado tanto?

— Insultado, eu? Quando é que eu te insultei? Estás a sonhar... Eu é que me senti insultada. Ainda estou à espera da mensagem que me prometeste!

Diana ficou sem fala. Agora, sim, é que não entendia mesmo nada. Contra-atacou, rubra de indignação:

— Mande-te a mensagem e respondeste-me que eu era uma engraçadinha e uma atrasada! E isto ainda foi o menos ofensivo de tudo o que me tens dito!

— O que estás para aí a dizer? — perguntou Clara, pasmada.

Depois, a sua expressão foi passando da confusão para a alegria.

— Para que número tens enviado as mensagens?

Sem entender porquê, Diana lá lhe repetiu de má vontade o número que Clara lhe dera.

— Há aí um engano — exclamou Clara, triunfante. — Apontaste mal o último algarismo. Não é um 4, é um 3. Vê só! Parece que, afinal, andaste à guerra com uma desconhecida!

Ao darem-se conta do engano, ambas tiveram um ataque de riso. Depois abraçaram-se e fizeram as pazes. E, a partir daí, juraram que as coisas importantes, só as diriam cara a cara!



## ***A GUERRA DO TELEMÓVEL***

Diana e Clara eram amigas inseparáveis, até terem telemóvel.

Há já algum tempo que Clara se orgulhava de ter um telemóvel. Um tio deu-lho quando fez doze anos e, desde então, os pais carregam-lhe cinco euros por semana, para poder mandar mensagens aos amigos.

Por isso, Diana saltou de alegria no dia em que, por ter conseguido excelentes notas no final do ano, a irmã mais velha lhe ofereceu um lindo telemóvel de cor violeta, cujo ecrã se enchia de flores sempre que um toque de campainhas indicava a chegada de uma mensagem.

E o melhor de tudo é que agora podia estar em contacto com Clara, que recebeu a notícia com alegria. Aparentemente. Quando compararam os telemóveis, viram logo que o de Diana era mais pequeno, muito mais moderno e fixe. Mas é claro que entre duas grandes amigas isso não tem importância, não é verdade? As duas registaram os respectivos números na agenda e combinaram que Diana enviaria a primeira mensagem nessa mesma noite, antes de se deitar.

Diana chegou a casa muito contente e esperou pela hora combinada. A sua primeira mensagem iria voar até um satélite, e regressaria à Terra para entrar no telemóvel de Clara. Num par de segundos, as suas palavras iriam viajar milhares de quilómetros para lá e para cá. Enfim, maravilhas da ciência... Mas o que ela não poderia imaginar era que esse aparelho tão sofisticado e encantador iria provocar uma guerra com a sua melhor amiga!

Logo depois das nove e meia da noite, tal como combinado, Diana enviou a sua primeira mensagem: *“Boa noite, amiguinha. Gostas do meu telemóvel novo? Daqui em diante vamos estar sempre em contacto. Um grande beijo.”*

Mal Diana carregou na tecla “Enviar”, ficou como que hipnotizada diante do ecrã. Era incrível como tudo era tão simples! Já ia a meter-se na cama, à espera da resposta, quando, em menos de um minuto, o ecrã se encheu de flores de todas as cores. Uma breve melodia de campainhas indicava que chegara uma mensagem.

Emocionada, Diana seleccionou *“Mensagens”* e, de seguida, *“Caixa de entrada”*. E foi isto que leu: *“Boa noite, engraçadinha. Pára de te armar. O teu telemóvel não é único no mundo. Chau.”*

Diana ficou gelada. Não era costume a amiga tratá-la assim. E tudo isto por ela ter um telemóvel mais moderno! Nunca se tinha apercebido de que a amiga fosse tão susceptível. Meteu-se na cama esperando que, no dia seguinte, o amuo de Clara já tivesse passado. A amiga pedir-lhe-ia desculpa e tudo voltaria ao normal.

Contudo, no dia seguinte, na escola, Clara não falou com Diana. Sentou-se duas filas à frente da habitual e, durante toda a aula, não lhe dirigiu um só olhar. *“Como é possível ter ficado amuada por causa de um telemóvel?”*, interrogava-se Diana, que também era um tanto orgulhosa. E, durante toda a manhã, não fez nenhum esforço por se abeirar de Clara e fazer as pazes.

Depois do almoço, voltaram a encontrar-se na aula de Ciências, mas Clara continuava na mesma. Parecia aborrecidíssima! *“Quem deveria ficar aborrecida era eu. Afinal, ela chamou-me engraçadinha e acusou-me de andar a armar-me com o telemóvel. Que teimosa!”* Diana saiu furiosa da escola, mas, pelo caminho, foi pensando que não poderia perder uma amizade tão importante por causa de uma insignificância daquelas.

Por isso, engoliu o orgulho e, depois do lanche, decidiu mandar uma mensagem a Clara: *“O que se passa contigo? Porque ficaste assim, só por eu ter um telemóvel novo?”* A resposta não se fez esperar: *“O que se passa é que me rio da tua cara, palhaça. E faz do telemóvel o que quiseres...”*

Diana ficou petrificada. Teve vontade de chorar de raiva. Quem se julgava ela? Com que direito a insultava daquela maneira? Aquilo era uma verdadeira declaração de guerra! As mãos tremiam-lhe ao escrever: *“És uma invejosa e uma parva. Não quero saber mais de ti. Percebeste bem?”*

Ao enviar a mensagem, de tão aborrecida que estava, até deu um pontapé na porta do quarto. Mas as campainhas a anunciar a entrada de nova mensagem reclamaram de novo a sua atenção: *“Não posso ter inveja de alguém tão reles como tu. Metes-me nojo! Será um prazer nunca mais voltar a saber nada de ti.”* Ao ler isto, Diana soltou um grito de indignação. Depois, estendeu-se na cama e chorou toda a tarde, jurando nunca mais gastar um cêntimo com aquela desnaturada que deixara de ser sua amiga.

Passaram-se alguns dias e Diana e Clara continuavam sem trocar palavra e nem sequer se olhavam. Tal era a raiva entre elas, que parecia nunca se terem conhecido.

Sempre que via Clara, Diana enfurecia-se ao lembrar-se dos insultos que recebera. Contudo, fazia um esforço para se mostrar serena e indiferente. Conforme diz o ditado: *“Não há maior desprezo do que não mostrar apreço”*. A guerra do telemóvel já durava há uma semana, quando, no final de uma aula, Clara veio docilmente ter com uma surpreendida Diana e sentar-se à sua beira.